

## Meu Velho Mestre

*Cid Seixas*

**Emérito Professor Doutor Hélio Simões:**

Para mim é motivo de contentamento ter a honrosa oportunidade de saudar o Velho Mestre na ocasião em que a sua Universidade lhe presta a alta homenagem reservada aos docentes mais ilustres e mais respeitados.

Para mim é motivo de contentamento ter a honrosa oportunidade de saudar o Velho Mestre porque ontem fui seu aluno em cursos de pós-graduação e, hoje, na condição de Professor Assistente de Literatura Portuguesa da Universidade Federal da Bahia, não sendo mais seu aluno, sou seu discípulo. E seu admirador. E, mais do que isso, me considero seu amigo.

Como jovem Professor que hoje procura seguir os seus caminhos no esforço pela difusão e pelo ensino da Literatura Portuguesa, é para mim gratificante o encargo que recebi, por indicação primeira

---

Discurso pronunciado em 09/06/1981 pelo professor Cid Seixas, saudando o Professor Doutor Hélio Simões por ocasião da outorga do título de PROFESSOR EMÉRITO, em solenidade sob a presidência do Magnífico Reitor da Universidade Federal da Bahia, Professor Luiz Fernando Macêdo Costa.

do Professor Cláudio Veiga, Diretor do Instituto de Letras, de ter esta conversa com o Velho Mestre, sob os olhos do mais respeitável auditorio acadêmico.

Ao principiar esta nossa conversa, me referi à Universidade Federal da Bahia, meu caro Mestre Hélio Simões, como a sua Universidade. E creio que assim posso falar, porque as primeiras sementes que se transformariam na árvore da atual Universidade foram vivificadas em terras lavradas pelas suas mãos. O seu espírito aberto a diversos aspectos do saber humano esteve a serviço de três faculdades que, mais tarde, precisamente nos já longínquos dias do ano de 1946, viriam a integrar a então Universidade da Bahia.

Foi o Professor Doutor Hélio Simões docente destes três estabelecimentos de ensino superior: a Faculdade de Medicina, a Faculdade de Filosofia e a Escola de Belas Artes.

Mas esta é uma longa e bonita história, principiada há muitos anos passados, anos que de tanto passar deixaram marcas brancas, como nuvens brancas, nos cabelos dos homens que tiveram a ventura de viver estes dias. Dias em que se cultivava o saber como um patrimônio sem fronteiras demarcadas por altas cercas de arame inacessível. Quando os homens de ciência ainda cultivavam o saber como um bem aberto, cuja finalidade essencial era a compreensão do próprio homem como um todo. Um todo que se dividia, operacionalmente, mas que não podia jamais ser perdido de vista como uma totalidade — única e indivisível.

Afinal, para que serve o saber senão para a elevação e a felicidade deste triste animal simbólico que é o homem?

Mas esta é uma longa e bonita história, principiada há muitos anos passados, quando a máquina do mundo ainda não tinha nos transformado naquele operário de uma velha fita do genial Charles Chaplin, patético operário que passava as manhãs, tardes, dias, semanas, meses *ad infinitum*, a girar os mesmos parafusos de mecanismos idênticos. Uma velha fita de Carlitos, em preto e branco, dos tempos do cinema mudo. Quando o técnico não era técnico apenas porque sabia os segredos do parafuso de código 2.325-AX-12, que pertence à engrenagem 876-Z-98, que por sua vez pertence ao sistema Y do computador N. E que, perdido nos números, códigos e gestos exatos, se esquece de saber quem é ele mesmo. E quem é o outro, seu companheiro.

Mas está é uma longa e bonita história, principiada no tempo em que o homem aprendia primeiro a conhecer o homem e, por isso mesmo, dominava com o jeito natural de quem respira, de quem vive, os mistérios mais profundos e as coisas mais específicas.

Aos homens de saber que partilhavam este universo chamamos hoje de humanistas; e as eles admiramos como a um bem cada vez mais raro e precioso.

Peço a sua permissão, meu Velho Mestre, para na conversa da

noite de hoje, contar esta história verdadeira aos que, sendo jovens como eu, por acaso não a conheçam; ou para rememorar fatos memoráveis diante de tantos seus companheiros de geração que são igualmente personagens, ou testemunhas, desta sua história de homem de letras e de ciências, que se confunde com a própria História da Inteligência Brasileira. Porque dela é parte viva e significativa.

Em 1932, o então mancebo Hélio Gomes Simões, aos 22 anos de idade, era diplomado pela Faculdade de Medicina da Bahia. A história principal da conversa desta noite começou aí. Ou, mais precisamente, começou um pouco antes. Mas disto nós vamos falar um pouco depois. Provisoriamente, por enquanto, façamos de conta que começou aí.

Médico formado, o garboso mancebo se submeteu a concurso de Livre Docente. Aprovado, nasce para a vida acadêmica propriamente dita o Professor Doutor Hélio Simões, Assistente Efetivo e Chefe de Clínica da Faculdade de Medicina da Bahia.

A partir de então o seu contributo às ciências médicas era relevante, destacando-se ensaios, conferências e  *cursos desdobrados*.

O mundo dá volta, todos sabemos. E numa destas voltas, ou mais precisamente em 1942, era criada a Faculdade de Filosofia da Bahia. Não existiam ainda os atuais cursos de Letras, de Ciências Humanas ou de Filosofia. E a Faculdade de Medicina era o grande centro catalizador do humanismo. Ali não se aprendia apenas a curar os males do corpo. No convívio diário com professores e colegas se aprendia sobretudo a bem formar o espírito. O espírito e a letra. Ora, vem de muitos anos a certeza de que a Bahia formava escritores-médicos e que o Recife formava escritores-juristas. Ser Médico, poeta e, às vezes, até louco — dizia o povo — era facilidade dos tempos.

Devido a tradição humanística da Faculdade de Medicina da Bahia, dela saíram as mais representativas figuras das nossas letras. Criada então a Faculdade de Filosofia, o Professor Doutor Hélio Simões foi convidado para, na condição de professor fundador, ser o Catedrático de Literatura Portuguesa.

Mas por que este jovem médico, de carreira brilhante e promissora, guardou seu estetoscópio e caminhou pela floresta de símbolos e metáforas, atingindo o coração da linguagem, de onde se escoo o primeiro fio d'água que vai formar o curso revoltado da arte literária?

Mas por que este jovem médico, da turma de 1932, se despojou dos instrumentos criados e aperfeiçoados pelos discípulos de Asclépios, a quem foram ensinados os segredos da arte de curar pelo Centauro Quíron, para munido de outros instrumentos, penetrar surdamente no reino das palavras, como se itabirano fosse, indo

escutar o seu silêncio para transformá-lo em canto e harmonia de vozes e verbos?

Esta é uma longa e bonita história, que por ser contada com as palavras gastas e remendadas deste meu cotidiano, não é menos bonita nem menos verdadeira que as luminosas histórias inventadas pelos oradores de verdade.

Em 1932, o então mancebo Hélio Gomes Simões, aos 22 anos de idade, era diplomado pela Faculdade de Medicina da Bahia. A história principal da conversa desta noite começou aí. Ou, mais precisamente, começou um pouco antes. Se em 32 o jovem médico era admitido como Assistente Honorário para em seguida fazer carreira acadêmica, quatro anos antes seu nome despontava nas letras baianas, ao lado de Pinto de Aguiar, Carvalho Filho, Eurico Alves e outros fundadores da revista *Arco & Flexa*, órgão que congregava e marcava a primeira geração modernista baiana. O grupo atuava sob a tutela intelectual de Carlos Chiachio, o conceituado crítico do rodapé literário "Homens & Obras", publicado semanalmente na já prestigiada gazeta *A Tarde*. Foi o mesmo Chiachio o responsável pela publicação do livro *O Mar e Outros Poemas*, do admirado poeta Hélio Simões, que nos anos de 1928 e 1929 derramava elogiadas páginas de poesia em *Arco & Flexa*, passando nos anos 30 e 40 a integrar o movimento *Ala das Letras e das Artes*.

Sobre a sua atuação na revista *Arco & Flexa*, em entrevista concedida há poucos anos ao poeta-arquiteto Juraci Dórea, para o livro *Eurico Alves: poeta baiano*, o escritor Hélio Simões afirma o seguinte: "O grupo Arco & Flexa não era estruturalmente homogêneo. Ligava-o a juventude e um certo afã renovador que a liderança de Chiachio procurou dar unidade na tendência explícita de um "tradicionalismo dinâmico", que constituiu o nosso manifesto. Creio que o nosso grande papel, na esteira do que vinha fazendo Eugênio Gomes e sobretudo Godofredo Filho, foi procurar integrar a Bahia na agitação cultural, particularmente literária, que já se manifestara em outros quadrantes do país."

Mas não se reduziu à revista *Arco & Flexa* e ao *Jornal da Ala* a atuação pública do poeta Hélio Simões. Some-se ainda o seu trabalho como diretor da revista *A Renascença*, ao lado de Afonso Rui; a sua seção "Crônica de arte", no *Diário da Bahia*, em 1929; "Idéias e Fatos", na *Era Nova*; "Poetas e Sonetos", no *Imparcial*; além da coluna livros, no jornal *A Tarde*.

Esta sua paixão pelas letras e o seu trabalho como poeta do primeiro momento modernista na Bahia constituíram a razão mais forte responsável pela decisão do médico Hélio Simões de fechar as portas do seu consultório e do respeitado Professor de Clínica Neurológica da Faculdade de Medicina de encerrar a sua brilhante carreira de pesquisador e docente das ciências médicas. Trocando o

ensino da Medicina pela cátedra da Literatura, o Professor Doutor Hélio Simões teve oportunidade de fazer viagens de estudos à França, aos Estados Unidos, à Espanha e sobretudo a Portugal, onde recebeu as condecorações de Oficial da Ordem Militar de Cristo e Grande Oficial da Ordem do Infante D. Henrique. Ainda em terras lusitanas, o Professor Doutor Hélio Simões se tornou membro da Academia de Ciências de Lisboa, do Instituto de Coimbra, do Instituto de Geografia de Lisboa e da Academia Internacional de Cultura Portuguesa.

Mais tarde, com a fixação da estrutura atual da Universidade Federal da Bahia, o Professor Doutor Hélio Simões passou a ser Titular de Literatura Portuguesa do Departamento de Letras Vernáculas, representando um elo significativo nas relações culturais de Portugal e do Brasil.

Foi ainda o primeiro diretor do Instituto de Letras, tendo em 1980, ao completar 70 anos, se aposentado compulsoriamente. A entrega do título de Professor Emérito que nesta noite se faz é, portanto, o reconhecimento formal de uma condição de fato.

E de direito também: antes da Universidade Federal da Bahia conceder este título ao homenageado, a Universidade Federal do Ceará lhe outorgou o pergaminho de Doutor Honoris Causa e a Faculdade de Filosofia de Itabuna, hoje Universidade de Santa Cruz, o título de Professor Emérito.

A partir desta solenidade acadêmica, professor duas vezes emérito, portanto.

Se pretendêssemos fazer alusão a todos os títulos e atividades do Conselheiro Hélio Simões (Conselheiro de Cultura do Estado da Bahia, há quase dezesseis anos, escolhido em quatro mandatos consecutivos), se pretendêssemos fazer alusão exaustiva aos títulos do Conselheiro Hélio Simões, dizia eu, nossa conversa desta noite se tornaria menos breve que o desejável.

Há poucos meses, a Academia Brasileira, unanimemente, lhe concedeu a Medalha Machado de Assis, distinção maior daquele sodalício que é o mais legítimo representante da tradição literária brasileira.

O contador maior de histórias da nossa gente, o imortal Jorge Amado, Doutor Honoris Causa desta Universidade, além de autor da proposta de concessão da Medalha Machado de Assis ao poeta Hélio Simões, no livro *Bahia de Todos os Santos*, escreveu sobre ele palavras de beleza e ternura, palavras justas. Esta passagem tem como título: "Hélio Simões, pai de Isa". "Título limitado, pois além de ser pai de Isa, afirma o grande Jorge Amado, Hélio Simões é o poeta, ilustre, o médico, o professor, o fomentador de estudos literários, o homem da universidade, do intercâmbio cultural luso-brasileiro, com tantos e tamanhos serviços prestados à Bahia, ao Brasil, à cultura. Mas eu sei quanto lhe agradecerá esse título no

rápido e certamente incompleto perfil que aqui tento traçar de um homem feito de delicadeza, de interesse humano, de amizade, um poeta não só nos versos com que assinalou original presença na poesia brasileira, mas também na maneira de ser de viver, na maneira de dar-se aos interesses vitais da comunidade e da cultura, um trabalhador intelectual aparentemente limitado aos gabinetes de estudo, de fato ligado à vida popular, à rua. Eu o vi no enterro da Mãe Senhora — ao lado de outro baiano tão autêntico, Thales de Azevedo — e percebi que a mão mística da ialorixá estava posta sobre a cabeça do poeta''.

Mas esta é uma longa e bonita história, meu Velho Mestre Hélio Simões, que por ser contada com a ternura mais simples deste meu cotidiano não é menos bonita nem menos verdadeira que as histórias luminosas dos oradores enfáticos. E, para mim, esta história é mais bonita e mais comovente porque é a sua verdadeira história, meu Velho Mestre. Emérito Professor Doutor Hélio Simões.